



A LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Autor (a): Raires Joice Silva Basílio; Co-autor (a): Ana Taísa da Silva Barbosa.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, pferros.@uern.com

RESUMO: A literatura de cordel reveste-se de uma ferramenta de alfabetização com princípios históricos culturais que proporcionam o incentivo à leitura no campo da educação. Partindo do desenvolvimento de atividades realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), trabalhamos com a literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa na Escola Estadual “4 de Setembro”, atividades voltadas para a oralidade dos alunos a partir da narração/narrativa dos cordéis em consonância com as novas tecnologias. Temos como principal objetivo relatar e discutir experiências dos resultados das atividades exercidas em sala de aula. Objetivamos ainda discutir a importância dessa literatura para o ensino, mostrando como ela pode ser inserida no âmbito escolar, em outras instâncias apresentar seu percurso histórico e sua modernização. Tomamos como embasamento teórico o autor cordelista Viana (2010) que discute sobre algumas estratégias de como a literatura de cordel pode ser trabalhada em sala de aula, Galvão (2006) que traz experiências de leituras com a literatura de cordel trabalhada em escolas, Abreu (1999) que faz uma discussão em torno da literatura de folhetos, Pinheiro e Lúcio (2001) que fazem uma contextualização acerca da literatura de cordel. Temos como resultado o desenvolvimento da competência oral, escrita e leitora dos alunos, uma vez que estes praticaram atividades no decorrer do projeto em sala de aula. Acreditamos que este trabalho poderá contribuir de forma significativa para a dinamicidade nas aulas de português.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Literatura de Cordel, Tecnologia.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como projeção relatar e discutir experiências relacionadas a Literatura de Cordel e de atividades realizadas em sala de aula com alunos do 9º ano, da modalidade EJA, da Escola Estadual “4 de Setembro”, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Temos como aporte teórico, o posicionamento do autor cordelista VIANA (2010), a autora GALVÃO (2006), ABREU (1999) e PINHEIRO e LÚCIO (2001).

A ideia do tema da oficina intitulada “De Causo em Causo Nasce um Cordel” surgiu de uma discussão em que defendíamos que nossos alunos precisam conhecer e reconhecer a literatura de cordel que aguça sobre a nossa cultura popular nordestina, portanto, a oficina se propôs a aproximar esse público jovem dessa literatura, bem como desenvolver atividades inserindo as novas tecnologias, contemplando o tema do subprojeto do PIBID Português intitulado “Práticas de Linguagens na Sociedade Tecnológica”.

Este trabalho se estrutura da seguinte maneira: de início a origem da literatura de cordel no Brasil, em seguida, abordaremos um pouco sobre a contribuição do cordel para o ensino em uma perspectiva tecnológica e mais adiante falaremos do relato de experiências vivenciadas no decorrer da oficina.

É de fundamental importância destacar que partindo das atividades realizadas na oficina foi possível conhecer e desenvolver as competências leitora, oral e escrita dos alunos, a produção de cordéis que foram expostos no evento “Salão-PIBID 2014” e ainda ressaltar a construção de uma peça de teatro feita pelos alunos na escola-campo em decorrência da socialização das atividades finais do ano letivo.

A ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL



A expressão *cordel*, como o próprio nome já sugere, deriva da palavra cordão, advinda da forma de como eram vendidos, ou seja, pendurados em pequenos cordões. Segundo ABREU (1999) “Não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens de literatura de cordel no país e, particularmente seu desenvolvimento no nordeste brasileiro”, diante do que aponta o autor, percebemos que apesar de haver estudos em torno da literatura de cordel não se tem uma certeza absoluta da origem dessa literatura em específico e isso se justifica pelo fato de os estudiosos adotarem posturas diferentes com relação ao modo de definir a origem do cordel.

No entanto, podemos dizer que a literatura de cordel surgiu inicialmente como meio de entretenimento, e mais tardiamente como meio de informação, veio ganhando forma e se propagando cada vez mais, principalmente na região Nordeste, onde se tem grande número de autores cordelistas, como é o caso de Leandro Gomes de Barros, que é o pioneiro na literatura de cordel. Em estudos mais aprofundados, podemos dizer que nem sempre a literatura de cordel foi registrada em folhetos ou em outras fontes que arquivassem sua memória, antigamente, o cordel era de forma oral, depois é que os autores cordelistas sentiram a necessidade de registrar no papel o talento que tinham. Tudo isso faz parte da constituição de nossa cultura popular, bem como:

A poesia popular nordestina, que ainda sobrevive nos dias de hoje, é herdeira direta da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península Ibérica. Essa poesia, antes difundida pela tradição oral, passou a ser publicada sistematicamente, a partir da última década do século XIX, pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros. [...] Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, tem sido responsável, durante muitos anos pela alfabetização de milhares de nordestinos [...]. (VIANA, 2010, p. 12).



A partir da fala do autor, podemos ter uma prévia comprovada de que o cordel é de longa tradição e que, em algum momento de sua história, a oralidade era o que prevalecia. Assim, como um ponto importante, a partir do pressuposto de que essa literatura era tradicionalmente transmitida de forma oral. Um fator que nos impulsiona enquanto bolsista/professor de língua portuguesa é o de que a oralidade e a escrita são processos com semelhanças e diferenças, e que se deve considerar que a escrita não é totalmente a representação da fala, mas serve de apoio/complemento dessa prática.

E quando se trata do estudo de cordel, isso deve ser levado em conta, uma vez que tanto na oralidade como na escrita, cada palavra é um mundo imerso em variados contextos, sobretudo os culturais.

No que diz respeito ao posicionamento de Viana (2010) relacionado à propagação do cordel na educação, podemos acrescentar que cada vez mais vem se intensificando o interesse pela literatura de cordel nas escolas de nosso país, principalmente na região Nordeste, tanto por parte dos estudantes, como dos educadores, talvez pela sua essência cultural, talvez pelas múltiplas possibilidades de se valorizar a oralidade do aluno por meio das leituras e das produções de cordéis.

A CONTRIBUIÇÃO DO CORDEL PARA O ENSINO EM UMA PERSPECTIVA TECNOLÓGICA

A escola, enquanto instituição de ensino tem como compromisso com a sociedade formar cidadãos que se posicionem de forma crítica e reflexiva frente a problemas sociais. Diante disso, sem dúvida, a literatura de cordel cada vez mais deve ganhar espaço no ambiente escolar, pois estes folhetos significam uma importante ferramenta para que se desenvolvam várias atividades no dia-a-dia dos alunos, como forma de melhorar a capacidade de assimilar conteúdos, e o aprimoramento no que diz



respeito ao seu caráter enquanto sujeito crítico, opinativo e modificador dentro e fora da escola, bem como em trabalhos mediados pelos professores em sala de aula, que possibilitam ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade oral, escrita, leitora, e crítica.

Percebemos o cordel como um importante instrumento de mediação que pode ser trabalhado em sala de aula, a começar por sua linguagem simples, pela estrutura organizada em rimas, versos e estrofes, pela sua infinidade de temáticas relacionadas a questões políticas, religiosas e sociais, contribuindo assim para o conhecimento acerca da história e cultura popular, bem como ao incentivo à leitura.

A literatura de cordel se faz presente na educação não apenas como uma finalidade lúdica como muitos a limitam, mas também com propósitos de contribuição para o ensino de forma a contornar até mesmo a alfabetização de muitas gerações que tinham acesso unicamente à literatura de cordel, então pressupomos a partir disso a vinculação da literatura à leitura e a educação, pois como VIANA (2010) ressalta essa literatura em algum momento de sua história foi denominada como “professor folheto” o que nos evidencia o quanto ela foi importante para a prática de leitura.

É interessante notar o quanto o folheto de cordel modernizou-se ao longo do tempo, no que diz respeito ao seu design, como a capa, a cor, e hoje já podemos notar que há xilogravuras (desenhos ilustrados nas capas dos cordéis) coloridas; outro aspecto interessante sobre o cordel referente a sua modernização é que ele passou a ser produzido em gráficas, fazendo com que sua estrutura ficasse bem mais elaborada. A partir disso, o cordel passou ao formato de livro para ser vendido e com isso chegar mais acessível ao o público leitor. Podemos ainda colocar que o cordel atingiu também um espaço bastante significativo na internet, uma vez que encontramos páginas nas redes sociais e blogs referentes à literatura de cordel.

A xilogravura é a porta de entrada para ler o cordel, e é uma das artes que



constituem a construção da estrutura do folheto de cordel, no entanto, esta não é tão antiga quanto a própria literatura de cordel. PINHEIRO e LÚCIO (2001) afirmam que “O uso da xilogravura nas capas dos folhetos não é tão antigo como se imagina. Nos anos vinte os folhetos eram ilustrados com fotos de artistas e clichês de cartões postais” o que significa dizer que também as xilogravuras passaram por uma espécie de modernização, acompanhando as mudanças e inserções tecnológicas.

Tratando mais especificamente da didática que pode ser trabalhada a partir da literatura de cordel, apresentamos algumas temáticas em que são abordadas, como por exemplo, questões políticas, de cunho histórico, religiosos e culturais. Segundo GALVÃO (apud Cascudo, 1953) “[...] os assuntos dos folhetos são infinitos, acontecimentos políticos locais e nacionais e os registros dos eventos cotidianos, como acontecimentos sociais, grandes caçadas ou pescarias, enchentes, incêndios, lutas, festas, monstruosidades, milagres, crimes”. Podemos perceber a diversidade temática que circula dentro dos cordéis e que pode ser trabalhada em sala de aula pelo professor, como um dos recursos de grande valia para, de certa forma, chamar a atenção do aluno para apreciar a leitura do cordel e ao mesmo tempo aguçar seus conhecimentos para questões sociais que o cercam.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Partindo de algumas experiências da oficina “De caso em caso nasce um cordel” destacamos alguns relatos das atividades ocorridas no período de 18 de setembro a 19 de dezembro de 2014. Registros da participação dos alunos do 8º período (9º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Estadual “4 de Setembro”, localizada na cidade de Pau dos Ferros/RN, na qual desenvolvemos as atividades através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nos



incitam dizer, sobretudo, que conseguimos perceber a interação e o desenvolvimento da capacidade leitora, oral e escrita dos alunos. Importante se faz registrar que os alunos envolvidos nessa experiência são jovens e adolescentes que fazem parte de um grupo de pessoas desniveladas no quesito escolaridade, e, que por vários motivos dispensáveis ao momento, tiveram que parar ou adiar seus estudos. Esses encontraram na EJA uma porta de saída para o mercado de trabalho ou mesmo para uma faculdade, sendo, portanto, alunos com perfis distintos, variando de um adolescente a um mais adulto.

Pautados no desejo e na necessidade de realizar um trabalho significativo e envolvente com a leitura na escola, listamos uma sequência de registros que diz respeito às atividades realizadas na oficina. Seguindo sequências didáticas planejadas, partimos do conhecimento prévio do gênero cordel destacando sua origem, em seguida partimos para o aprofundamento do gênero através de leituras e trabalhos escritos por diversos autores, tanto nacionais como regionais. Na sequência, analisamos e observamos a estrutura do cordel, as rimas, as estrofes, a linguagem. Logo após, passamos para a produção escrita em si do cordel pelos alunos, a refacção e por último a divulgação dos trabalhos realizados em sala, em formato de livreto com cordéis e capas criados pelos próprios alunos.

O conhecimento prévio dos alunos sobre o cordel contribuiu bastante para abrir nossa discussão, uma vez que já sabiam de onde derivava o próprio termo “cordel”, além disso, já conheciam alguns folhetos e autores, de maneira geral quase todos tinham algo a acrescentar, principalmente sobre histórias que ouviam de seus avós, isto é, as contações de histórias, retratando assim a tradição popular de contar causos ou histórias que resgatam a memória e a identidade de nossa cultura.

O recital que fizemos em sala de aula para apresentar o conteúdo serviu como estratégia para aproximá-los da leitura de cordéis. A maneira com que os jovens receberam o cordel recitado acendeu em nós a vontade de explorar todas as habilidades



e competências cabíveis ao momento dessa sequência didática. Sabemos que para atribuir sentidos ao texto (à leitura) e para aprender a ler, é importante poder fazer relações entre conhecimentos prévios e o que se está lendo ou ouvindo. Destarte, é importante dizer que os alunos participaram reciprocamente e receberam muito bem tudo o que foi apresentado, isso se evidenciou no retorno que tivemos por parte deles e na interação que se estabeleceu entre ambas as partes, quando, principalmente, eles demonstraram interesse imediato pela leitura dos cordéis que foram expostos à mesa.

Tratando do desenvolvimento das competências dos alunos utilizamos uma estratégia de trabalhar a oralidade: dividimos a turma em dois grupos em que cada membro do grupo tentava recitar uma estrofe de um cordel de forma que a entonação fosse bem elaborada e em voz alta, trazendo assim o plano da oralidade como prática dos alunos. Direcionamos os alunos a essa prática tomando como base a sugestão de Pinheiro e Lúcio (2001) que reforçam a ideia de trabalhar a oralidade, dizendo o seguinte:

A leitura oral dos folhetos de cordel [...] é indispensável. Portanto, a primeira e fundamental atividade deve ser a de ler em voz alta. E, se possível, realizar mais de uma leitura. Esta repetição ajudará a perceber o ritmo, encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 84).

É interessante destacar o quanto a leitura repetitiva do cordel contribui para a oralidade do aluno, e fazer essa repetição em voz alta, seguindo um ritmo diante das rimas, torna mais fácil entender e mais propício de pronunciar as palavras, uma vez que ouvimos nossa voz em um tom mais alto.

A leitura livre dos cordéis propostas na oficina também foi estratégia para os alunos irem tomando mais conhecimento da diversidade temática que os cordéis



apresentam, como também o gosto pela leitura. Terminadas essas leituras, que aconteceram em locais abertos, como o pátio, o jardim ou mesmo a quadra de esportes, foi realizada uma discussão para socializar o que tinham lido, eles demonstraram significativas interpretações, como a crítica à postura do homem em sociedade, dizemos isso a partir da reflexão dos alunos ao lerem o cordel “Os Sete Constituintes” de Antonio Francisco, que apresenta uma crítica ao comportamento do ser humano quanto as suas ações desastrosas e agressão à natureza, e o que mais chamou atenção deles foi o fato de o cordel ser narrado por animais, que no caso, são os sete constituintes. Os discentes se interessaram bastante pela linguagem do cordel por ser colocada de forma crítica e ao mesmo tempo humorística.

Propostas de trabalhar o cordel em sala de aula são muito válidas e fazem com que a aula se torne mais dinâmica e atrativa, aguçando no aluno o interesse pela leitura, pois a literatura do cordel, diante de seu infinito universo temático, não se trata de uma forma de leitura restrita e que possibilita somente a decifração do código escrito, mas sim oferece várias formas, com métodos diversificados que chamam a atenção do aluno, para irem buscar por novas leituras e assim ampliar sua capacidade leitora de uma maneira interativa e prazerosa. Outro fator de tamanha contribuição é o cordel nos possibilitar o diálogo com o outro por meio da análise temática, da função social do discurso por ele apresentado, levando o leitor à reflexão, à busca do conhecimento e isso só se torna possível devido o cordel apresentar uma linguagem simples e bastante clara, além disso, suas rimas são encantadoras para qualquer ouvinte, e ainda acrescentamos que a musicalidade dentro dos cordéis também é muito importante para a constituição destas pequenas obras que se tornam mais belas e chamativas para o leitor.

Com o intuito de colocar os alunos frente a uma atividade que possibilitasse a compreensão voltada para o campo da tecnologia, fizemos inicialmente a apresentação do que trata a linguagem “internetês”, fazendo alusão à linguagem utilizada nas redes



sociais, como o *facebook*, *twitter* etc. e de como ela pode contribuir para a motivação da leitura bem como do desenvolvimento da linguagem escrita. Levamos os alunos para a sala de informática e os orientamos para que eles pesquisassem um cordel com o qual se identificassem e transcrevessem para o caderno, para logo em seguida fazerem uma atividade de adaptação da linguagem apresentada nos cordéis para a linguagem “internetês”. Como vivemos em uma sociedade cada vez mais rodeada por tecnologias, como exemplo, temos a internet, um importante veículo de comunicação e de informação, achamos por bom trazer à tona uma discussão que contemplates a mistura de um gênero, aparentemente tradicional, com uma linguagem eminentemente moderna. Por esse viés, é imprescindível que a escola busque novas formas de inovar os métodos de ensino, a fim de construir uma ponte que liga educação à tecnologia, levando em conta que os jovens estão constantemente inseridos no mundo tecnológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos por meio das atividades que desenvolvemos em sala, foi possível constatar que a literatura de cordel é muito mais ampla do que se pode pensar, uma vez que ela nos possibilita diferentes recursos metodológicos a serem trabalhados em sala de aula, por apresentar uma diversidade de temáticas, pela sua estruturação em rimas e estrofes, pelo modo como está organizada. O cordel, então, enquanto conteúdo mostra-se como um dos recursos metodológicos que mais amplia o desenvolvimento em torno das práticas orais e leitoras dos alunos, visto que é possível desenvolver com os alunos essas competências a partir da leitura dos cordéis, da transcrição da linguagem do cordel para a linguagem “internetês”, oferecendo possibilidades até para estudar a variação linguística, se preferível.

Trabalhar a literatura de cordel, visando o melhoramento para o ensino nas aulas



de língua portuguesa foi uma prática bastante positiva e relevante, pois foi possível despertar nos alunos o gosto pela leitura como também a ampliação de suas habilidades orais, leitoras e escritas. Além disso, conseguimos estabelecer uma relação entre o meio tecnológico em que o aluno está inserido com a atividade educativa. Podemos, portanto, afirmar que planejar diferentes etapas para as aulas de leitura e de escrita tendo como apoio o gênero cordel, possibilitou-nos a reflexão de que a leitura e participação do aluno são a chave para a cidadania, sobretudo, quando se dá a voz a esse aluno, muitas vezes mudo diante da sociedade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, M. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Letras do Brasil, 1999.

GALVÃO, A. M. O. *Cordel: Leitores e Ouvinte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO. Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. Coleção Trabalhando com... na escola.

PINHEIRO, H. e LÚCIO, A. C. M. *Cordel na Sala de Aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

VIANA, A. *Acorda Cordel na Sala de Aula*. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.